

Dança / Performance
de 1 a 4 de novembro 2012

CELEBRAÇÃO

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Fazem a CELEBRAÇÃO Áfrika Martinez, Alena Dittrichová, Alexandra Sargento, Alexandre Coelho, Anaísa Lopes, Andresa Soares, António Júlio, António Mortágua, António Pedro Lopes, Ása Frakenberg, Bernardo Chatillon, Carlos Ramos, Carlos Quintelas, Cláudio da Silva, Daniela Silvestre, Diogo Russo, Elizabete Francisca, Fernando Romão, Gui Garrido, Hermann Heisig, Inês Nogueira, Joana Cotrim, Joana da Silva, João Calixto, João Maló, Jonas Lopes, Lander Patrick, Liliana Coutinho, Lúcia Soares, Luís Godinho, Márcia Lança, Mariana L. Ferreira, Marianne Baillot, Marta Brito, Max Rosenheim, Mónica Coteriano, Nuno Lucas, Øyvind Jørgensen, Pedro Lacerda, Pedro Rodrigues, Pieter Ampe, Raquel Castro, Rita Natálio, Rita Xavier Monteiro, Rui Dâmaso, Rui Lima, Rui Pina Coelho, Sérgio Martins, Sofia Dias, Teresa Silva, Vânia Rovisco e Vítor Roriz, entre muitos outros **Organização e Conceção** Andresa Soares, António Pedro Lopes, Gui Garrido, Lúcia Soares e Márcia Lança **Imagem, design e registo vídeo** Rita Barbosa **Produção executiva** Maria João Garcia **Produção** ONE LIFE STAND **Coprodução** Fundação Caixa Geral de Depósitos - Culturgest **Apoio** Fundação Calouste Gulbenkian **Outros apoios** alcantara, Bomba Suicida, Campo (Gent, BE), Câmara Municipal de Lisboa, Conserveira de Lisboa, Grupo Nabeiro - Delta Cafés, DemiMonde, Fonte Viva, Goethe Institut - Lisboa, Herdade dos Grous, Lança e Filho Lda., Máquina Agradável, Quinta do Monte d'Oiro, Teatro do Bairro, Tíliascoop, C.R.L. e VAGAR. **Com a parceria de Mais Crítica*** - Seminário de Formação para Críticos de Artes Performativas, desenvolvido por Liliana Coutinho e Rui Pina Coelho, a partir de uma iniciativa conjunta de alcantara, São Luiz Teatro Municipal, Maria Matos Teatro Municipal e Culturgest; - e CORAÇÃO NA BOCA (Lorena Pimenta e Joana Mesquita Alves)** **Agradecimentos** Ana Riscado, Cláudia Galhós, Eduardo Brandão, Gil Mendo, Iolanda Oliveira, Luísa Marujo, Madalena Silva, Marianne Baillot, Pedro Ribeiro, Rita João Almiro, Rui Carvalho, Sandra Carneiro e Sofia Campos

* *Mais Crítica* colabora com a CELEBRAÇÃO através da redação em direto de artigos sobre as atividades em curso, entrevistas a artistas e recolha de textos do público para a criação da *Auto Publicação*. *Mais Crítica* é um Seminário de Formação para críticos de artes performativas - promovido pelas instituições alcantara, Culturgest, São Luiz Teatro Municipal e Teatro Municipal Maria Matos - que visa contrariar o progressivo e notório desaparecimento da crítica de artes performativas do espaço público, promover a multiplicação das vozes críticas existentes no nosso país e o surgimento de novos espaços que possam amplificar o discurso sobre as artes e o impacto que estas têm no terreno das relações sociais em geral. *Mais Crítica* visa, assim, contribuir para o indispensável discurso público sobre os objetos artísticos e para a preservação da memória (ameaçada) do teatro e da dança que hoje se fazem. (Todos os textos criados no âmbito deste programa estão disponíveis em <http://maiscritica.wordpress.com>)

** O catering da CELEBRAÇÃO está a cargo de Coração na Boca, que presta serviços de catering, produção executiva de eventos, aconselhamento e acompanhamento, para todo o tipo de festas. Apostam em comida de qualidade, criativa e acessível a todos os que procuram momentos únicos de celebração e reunião. No Coração na Boca, as ideias sabem bem e são para partilhar! Lorena Pimenta/Joana Mesquita Alves · correio.coracaonaboca@gmail.com · 936458239

*Every generation translates to itself.
It's up to us to embrace history or break
it apart, blow it up even!* T.S. Eliot

CELEBRAÇÃO é uma festa de dança e *performance*, desenhada por artistas que residem, circulam, se encontram e trabalham em Lisboa.

CELEBRAÇÃO propõe, durante quatro dias, espetáculos, conversas e uma festa que ocupa a Culturgest, e cria uma janela experimental para modos de pensar e agir, agora e em conjunto.

CELEBRAÇÃO é um programa produzido por artistas que se interessam em criar espaços de convergência onde o encontro e a ação criem princípios de comunidade e relações artísticas mais próximas e profundas.

CELEBRAÇÃO não é uma cartografia da Dança e *Performance* que se faz em Lisboa, nem um retrato de geração ou de um grupo de artistas enquanto jovens. CELEBRAÇÃO é, antes, um convite a olhar um recorte da diferença e multiplicidade de quem insiste em trabalhar aqui e agora e em tentar juntos uma ideia.

CELEBRAÇÃO é aqui este tempo e é agora este espaço que apresenta vários mundos artísticos em diferentes momentos da sua experimentação, consolidação e existência.

CELEBRAÇÃO é um convite a participar num encontro múltiplo de presenças.

Um encontro com o outro, um encontro com o público, um encontro marcado com Lisboa desenhado num

movimento onde se cruzam afinidades, se estabelecem princípios de experimentação conjunta e se cria um presente que questiona as condições em que existiremos no futuro próximo.

CELEBRAÇÃO é criar de desejos individuais opções coletivas que abram espaço para projetos de futuro conjuntos. É associar a força participativa a potências singulares num exercício incessante de poder afetar e ser afetado.

CELEBRAÇÃO é festejar o possível. É reunirmo-nos reconhecendo que esta é para já a maior ação política que podemos fazer. Juntos procuramos fazer viver e conviver a cena contemporânea de Lisboa com o desejo de nos podermos acompanhar uns aos outros e estarmos próximos. É uma forma de resistir ao caráter nómada, fragmentado e difícil de mapear dos nossos percursos e modos de operação.

CELEBRAÇÃO significa para nós colaborações duradouras, que sejam reflexo não só do impulso natural do artista para a comunicação e partilha do seu trabalho, mas também da necessidade que o antecede. Esta necessidade mais primária e fundamental é orientada pela consciência de que a sobrevivência da criação artística depende hoje de uma força coletiva e do reconhecimento dos nossos pares para a afirmação do nosso valor.

CELEBRAÇÃO será também uma forma de consolidação deste coletivo na criação de contextos para o desenvolvimento e apresentação do nosso trabalho. Num momento em que a criação contemporânea portuguesa está indubitavelmente ameaçada e em risco

de encontrar um isolamento profundo, CELEBRAÇÃO procura uma forma de afirmação de artistas portugueses que não se quer deixar vencer pelo pensamento tecnocrata ou pelos imperativos económicos. Reclamamos o direito de sermos nós a testar e a superar a qualidade do nosso trabalho, de querer continuar a arriscar formatos, a experimentar materiais, renunciando a qualquer tentativa de conformar a criação artística à lógica somente responsiva da procura/oferta. Reclamamos perante nós e perante o público a responsabilidade contínua de regenerar os tecidos culturais, de bater o pé, de marcar presença, de atirar o corpo, de levantar a voz e dizer *If I Can't Dance, I Don't Want To Be Part of Your Revolution!* Sejam bem-vindos a esta festa!

Os convidados da CELEBRAÇÃO trazem 1800 pregos, 30 tábuas, 38 sarrafos, compressor, pistola de pregos, 2 turquesas, a energia inesgotável, porém volátil, de rapazes adolescentes, um corpo poroso a ligações espaciais e físicas internas e externas de potenciais (ir)realidades, um agradecimento que provoca uma chuva de legumes, a aproximação do belo homem à bela mulher ao som da Internacional, relações coreográficas mediadas, uma sensação de falha e problema, um exercício de deslocação ou um teste de sobrevivência a uma ameaça, uma *happy hour* de rituais antropofágicos, um forte encontro entre humor e monstruosidade e um monólogo a três vozes dirigido por uma maestrina.

O programa da CELEBRAÇÃO promete um cortejo de semelhanças, diferenças, duos e singularidades que se evidenciam em jogos de humor e absurdo, deslocamentos do papel do espectador, escavações às dinâmicas e maquinaria do teatro. Lugares que instigam o desenvolvimento das linguagens autorais, mas também refletem a crise generalizada que nos afronta enquanto sociedade neste momento da nossa História.

QUI 1 DE NOVEMBRO

19h30 · Átrio do Pequeno Auditório

Duração: 1h · Entrada livre

Abertura

Assim como quem é responsável por aglomerar pessoas e juntá-las em torno de uma festa, CELEBRAÇÃO faz as honras e joga com a situação de abertura das hostes e de inauguração do evento. Os artistas da CELEBRAÇÃO inventam em colaboração a escrita e a *mise en scène* da abertura coletiva desta grande festa. Abrir a CELEBRAÇÃO será pretexto para “abrir” o que nos vai na alma, para nos darmos a conhecer, para questionar o coletivo operando em coletivo e brincar com a nossa história, criar uníssonos de vozes diferentes, brindar, e claro, estarmos juntos. Aproveita-se a ocasião e convidam-se dois maestros, três coros, o Coração na Boca, lápis de cor, croquetes, animais, vegetais e pirotécnicos! Abre a boca, abre o pano, abre a garrafa, abre a festa! Apre, abre!

Artistas da CELEBRAÇÃO & Convidados

Composição e direção musical

Carlos Quintelas e Pedro Rodrigues
Letra Cadáver Esquisito coletivo dos artistas da CELEBRAÇÃO
Cantores Elementos do Coro da Achada, Coro dos Pais e Amigos da Escola de Música do Conservatório Nacional e Coro da Segunda
Colaboração na escrita e recolha de depoimentos Marta Brito

21h · Pequeno Auditório

Duração: 55 min · 5€ (bilhete único para os dois espetáculos)

Morning Sun

Criação e interpretação Márcia Lança e João Calixto
Projeto Márcia Lança
Apoio à criação Tiago Hespanha
Desenho de luz Alexandre Coelho
Direção de produção Sérgio Parreira
Produção e difusão VAGAR
Coprodução Tempo – Teatro Municipal de Portimão
Apoio à residência GDA Direitos dos Artistas
Residências O Rumo do Fumo, ZDB Negócio
Apoio Artistas Unidos, alcantara, Atelier RE.AL, Revigres, Lança & Filho Lda.



© Filipe Palma

1800 Pregos, 30 tábuas, 38 sarrafos, compressor, pistola de pregos, 2 turquesas. Pôr em equilíbrio, balançar para andar, construir, partir, testar limites, apoiar, deixar cair, concretizar pensamentos e raciocínios, descansar os braços, aumentar. Isto é madeira e não outra coisa. Montar e desmontar. O desejo e o espanto face ao que se revela. O poder da sugestão que permite

o impulso, o reflexo, a escolha. Esperar. O que antecede o grande salto? Deixar em aberto a possibilidade de mudar de caminho. O objetivo é o motor... depois esquece-se. *Morning Sun* coloca em cena a construção de espaços em potência, cenários protagonistas onde as ações fazem, quase sempre, o papel secundário. É deixado ao espectador o tempo e o espaço de ler, de criar e completar as histórias que são enunciadas. O corpo dos intérpretes é, em *Morning Sun*, um corpo que está constantemente no registo funcional e no registo performativo, alternando estes lugares e muitas vezes fazendo com que estes coabitem. Neste trabalho, duas pessoas habitam e constroem espaços, objetos e lugares. Traçam esboços de narrativas delineando histórias sem nunca as contar. *Morning Sun* é um jogo de equilíbrio entre o concreto e o simbólico, um permanente balanço entre a materialidade de uma situação e a sua capacidade evocativa.

22h30 · Pequeno Auditório

Duração: 50 min · 5€ (bilhete único para os dois espetáculos)

Still Standing You

Coreografia & dança Pieter Ampe & Guilherme Garrido
Produção CAMPO
Coprodução STUK, Leuven (B) & Buda, Kortrijk (B)
Residência artística Espaço alcantara
Olho externo Louise Van den Eede e Rita Natálio

O belga Pieter Ampe e o português Guilherme Garrido conheceram-se no



© Philie Deprez

verão de 2006 no DanceWeb European Scholarship, no âmbito do Impulstanz Festival, Viena, Áustria. Nessa altura, embarcaram numa primeira colaboração: *Still Difficult Duet*. Mais do que uma coreografia harmoniosa, a peça parece ser um constante exercício de equilíbrio entre dois egos e dois corpos hipercinéticos. O resultado foi de tal modo surpreendente, que o espetáculo saltou de imediato do contexto escolar para o circuito internacional.

Dois anos após *Still Difficult Duet*, Pieter Ampe e Guilherme Garrido encontraram-se de novo no estúdio de dança para criar *Still Standing You*. Mas por quanto tempo serão capazes de estar juntos e de, sobretudo, suportarem-se um ao outro? Com uma grande intensidade física, analisam os aspetos contraditórios da sua relação: são amigos, rivais, inimigos ou amantes? Sem qualquer tipo de pudor e com uma grande dose de ironia, Ampe e Garrido exploram todas as facetas da sua relação, com uma opulência que faz lembrar a energia inesgotável, porém volátil, de rapazes adolescentes.

SEX 2 DE NOVEMBRO
21h · Pequeno Auditório
Duração: 30 min · 5€ (bilhete único para os dois espetáculos)

**The Archaic, Looking Out,
The Night Knight**

Conceito e interpretação Vânia Rovisco
Música Stupid Green – Jochen Arbeit /
Vânia Rovisco e Gordon Monahan
Luz Åsa Frankenberg **Produção** AADK
Portugal **Residência artística** EDIFÍCIO
– Forum Dança / O Rumor do Fumo **com**
o apoio Rede DÉPARTS / Programa
Cultura da União Europeia.



© Paulo Brandão Melo

Se nos afastarmos ou, mais concretamente, se o nosso movimento é recusar a narrativa (a obscuridade em que escolhemos mover-nos justifica esse ato negativo), é de evitar, para nós e para o espectador, uma leitura realista do nosso trabalho. As nossas práticas de vida dão forma ao nosso pensamento. Contudo, a nossa missão é explorar o real e esta exploração está necessariamente limitada a uma zona de conforto do racional. Lugar onde o corpo, o espaço e a plasticidade se fundirão, realçando ligações espaciais e físicas

tanto internas como externas de potenciais (ir)realidades.

A minha meta enquanto artista performativa é introduzir as aptidões adquiridas numa década de experiência na dança contemporânea, e aliá-las à composição coreográfica e às minhas experiências mais recentes em espaços de galerias de arte enquanto criadora de instalações/*performances*.

22h · Pequeno Auditório
Duração: 50 min · 5€ (bilhete único para os dois espetáculos)

Measure It In Inches

Um espetáculo de Marianne Baillot e António Pedro Lopes **Cocriado por** Severine Rième (luzes) e Rita Natálio (dramaturgia e som) **Produção** ELSE e ONE LIFE STAND **Técnica e operação na CELEBRAÇÃO** Carlos Ramos **Coprodução** Théâtre de Vanves, Maus Hábitos, Festival Citemor 2011 **Residências artísticas** CCN Belfort, Maus Hábitos, O Espaço do Tempo, Volapuk, Théâtre de Vanves **Apoio à residência** GDA – Direitos dos Artistas **Agradecimentos** Teatro Nacional São João, Teatro D. Maria II, Daniel Pires, Gustavo Ciriaco. ELSE recebeu o apoio da Région Centre, Drac Centre e ADAMI para a realização deste projeto.

Um discurso de agradecimento. Uma cerimónia de gratidão onde a casualidade de agradecer um cigarro a um estranho encontra os Óscares e a euforia dos prémios desportivos. Recicla-se a condição de se estar grato por alguma

© Susana Paiva



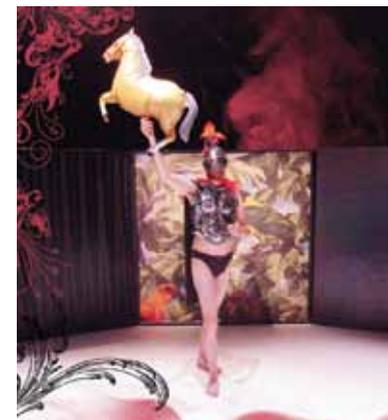
coisa: “medimo-lo em polegadas”! A gratidão é ritualizada e suspensa num recreio de magnificação onde tudo se tenta sempre “mais do que a vida”, ainda que desesperadamente. E mesmo quando os discursos de agradecimento trazem consigo ruídos da competição, preferimos acentuar o sentido extático da celebração, porque esta cerimónia não pode ter fim. Andy Warhol disse: “não prestes atenção ao que escrevem sobre ti, mede-o apenas em polegadas”. O poder das palavras e das emoções é maleável e medido em visibilidade, aparência e reconhecimento. Imagine-se agora por momentos inverter a régua e converter a medida da aparência na medida da presença. E concentrarmos num OBRIGADO desmedido, incapaz de sair de si próprio e de se completar.

23h · Átrio do Pequeno Auditório
Duração: 1h30 · Entrada livre

Cabaret Curto & Grosso

O *Cabaret Curto & Grosso* convida artistas a intervirem com números performativos, que urjam o que a cada

um importa e com a condição única de serem de fácil montagem e desmontagem. Este *cabaret* é uma viagem deliciosa e vertiginosa de número atrás de número: cantar, dançar, declamar, rimar, matraquear, ou outras formas que não sabemos nomear. Sob o brilho de uma fantástica bola de espelhos, a condução de dois maestros de cerimónias e a presença especial de um GONGO humano. Os artistas desta efeméride foram carinhosamente selecionados através de uma convocatória pública auspiciada pelo homem do cavaleiro. Os ilustres artistas sobem a este palco 2m x 2m para “rockar” a Culturgest numa sexta-feira à noite, para rebentar as costuras em 5 minutos, para provocar pequenos terremotos, para revitalizar os “ié iés”, para se apresentarem frescos e novos ou para investir num talento nunca antes desenvolvido. *Ladies and Gentlemen, let the Gongo go “BOOM!” clap your hands and let the show begin!*



Starring: Lander Patrick, Jonas Lopes e Alena Dittrichová, Pedro Lacerda e Luís Godinho, EMPRESA DE LIMPEZA (Bernardo Chatillon, António Mortágua, Daniela Silvestre, Joana Cotrim, Max Rosenheim), Anaísa Lopes, Àfrika Martinez, Øyvind Jørgensen e Mariana L. Ferreira, Inês Nogueira e João Maló, Diogo Russo e Fernando Romão, Raquel Castro e Mónica Coteriano
Participação Especial: Goreti

SÁB 3 DE NOVEMBRO

18h · Átrio do Pequeno Auditório

Duração: 2h · Entrada livre

Picnic Conversa Afada

Continuamos insistentemente a ter de lidar com o preconceito acerca do hermetismo associado à criação artística contemporânea e a ver surgir ciclicamente na opinião pública a sua perpétua aura e condição de supérfluo... por isso perguntamo-nos a nós e a todos os interessados: como continuar a ser artista em Portugal e “ser” daí para o Mundo?

O *Picnic Conversa Afada* será um local de encontro em torno de relva artificial, comida verdadeira e conversa politicamente vivenciada. De um modo lúdico e descontraído levaremos os convivas a partilhar as suas reflexões mesmo quando de boca cheia. Em grupos formados aleatoriamente será servida, juntamente com os acepipes, uma questão para “picar” que promete ser um generoso convite a ajudarem-nos a cozinhar ideias e a mastigar sobre o que andamos aqui a fazer. Faça chuva ou faça sol neste picnic o tempo será de

conversa com a clara consciência que política é refletir em conjunto e que revoluções fazem-se às refeições.

20h30 · Sala 1

Duração: 30 min · 2€

Nada do que dissemos até agora tem a ver comigo

Direção artística Rita Natálio

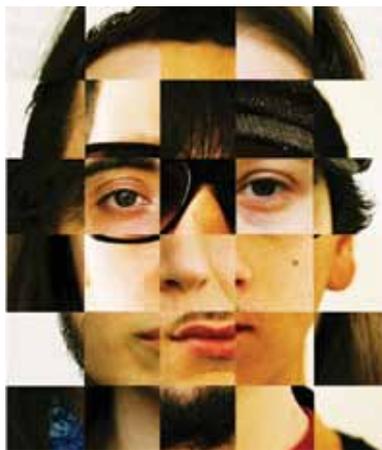
Performers António Júlio, Cláudio da Silva e Nuno Lucas

Fotografia Inês Abreu e Silva

Apoio à produção O Rumo do Fumo

Coprodução Ciclo Documente-se!

– Serviço de Artes Performativas da Fundação de Serralves, Departamento de Sociologia e Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (ISCTE). O Rumo do Fumo é uma estrutura subvencionada



© Inês Abreu e Silva

pelo Governo de Portugal – Secretaria de Estado da Cultura.

Nada do que dissemos até agora teve a ver comigo é um projeto de improvisação dirigido por Rita Natálio para três *performers*, estreado no Ciclo “DOCUMENTE-SE!” na Fundação de Serralves em 2009. Usando como ponto de partida um conjunto de testemunhos recolhidos através de entrevistas, encontros e apropriações espontâneas, o resultado final será uma improvisação com o tempo real das histórias de vida – monólogo a três vozes, linha de montagem de ideias ou concerto de experiências faladas do mundo.

21h30 · Sala 2

Duração: 25 min · 2€

A Peça Vermelha

Conceção Lígia Soares *Interpretação*

Joana da Silva *Assistência de ensaios* Madalena Silva *Colaboradores* Andresa Soares, Eduard Gabia, Emilian Gatsov, Guilherme Garrido, Pedro Soares e João Nicolau *Produção* Máquina Agradável

Se eu quisesse fazer uma peça começava por anunciar que ia fazer uma peça, depois anunciava-me a mim como autora dessa peça. Não lhe dava logo nome e fazia-a de uma só vez sem pensar. Porque pensar atrasa a compreensão das coisas profundas. A profundidade é silenciosa, ou por vezes há música, mas principalmente silenciosa. Desgostosa porque não está ao de cima, como as outras coisas que vemos ao de cima. Não, a profundidade está sempre



© Céline Larrière

por baixo, atrás, sem tona. E também não se vê. Não sai, não se integra.

Por isso, se quisesse eventualmente fazer uma peça profunda, não a mostrava, ou mesmo não a faria. Já que as peças para serem feitas têm de vir ao de cima, parar-nos às mãos. Ah... e serem vistas, têm de ser vistas, e quanto mais vistas mais vistas são. E quanto mais vistosas mais vistas serão, e quanto mais gostosas mais comidas então. Uma peça até pode ser profunda se for gostosa e logo depois comida. Senão estraga-se.

E o espetáculo? O espetáculo deve ser difícil à partida, mas só como um choque inicial, que acorde os músculos, que acorde a sensibilidade, que desperte a atenção, o olhar, que acorde o pensamento... E depois?

Depois: A aproximação do belo homem à bela mulher ao som da Internacional.

22h30 · Pequeno Auditório

Duração: 45 min · 2€

Um Espanto Não Se Espera

Conceção e interpretação Elizabete Francisca e Teresa Silva *Assistência dramaturgica* Rita Natálio

Sonoplastia Rui Dâmaso
Figurinos António MV, Elizabete Francisca e Teresa Silva
Desenho de luz e direção técnica Carlos Ramos
Produção e difusão Materiais Diversos
Apoio de estúdio / residência Cine-Teatro São Pedro (Alcanena), Eira (Lisboa), Escola Superior de Dança (Lisboa), O Espaço do Tempo (Montemor-o-Novo), O Rumo do Fumo (Lisboa), RE.AL (Lisboa), DemiMonde (Lisboa)
Agradecimentos Ana Paula Salada, Antonia Buresi, Elisabete Miranda, Helena Serra, Joana Martins, Lídia Vaz, Sofia Dias, Vítor Roriz, equipa Appleton Square (Filipa, Rita, Vera), Fanfarra dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses



Duas figuras com vestes longas semelhantes compõem uma lengalenga de delírios e queixumes intermináveis enquanto reduzem o mundo (o interior do seu corpo) a pó. Os “ais” seguem-nas como genes malditos. Resta-lhes a “distração”, a *happy hour* dos seus rituais antropofágicos de diálogo e jogo para fugir ao aborrecimento da sua própria repetição.

Depois do espetáculo *Um Espanto Não Se Espera*, **CELEBRAÇÃO** continua no 49 da ZDB até às 3h da manhã! A festa promete copos, música e *saturday night fever*. É para arejar, dançar, estar na converseta e preparar-nos para o dia seguinte. Onde? Rua da Barroca, n.º 49 ao Bairro Alto.

DOM 4 DE NOVEMBRO
15h30 · Sala 1
Duração: 60 min · Entrada livre

Jogo das Perguntas

– Um grupo de pessoas está em círculo sentado no chão e no meio desse círculo há um microfone. Quem vai ao microfone só pode falar através de perguntas (Como? Será que? Quando? Como? Porque é que? Onde? etc.);
 – Cada pergunta tem um enunciado relativamente fixo, ou seja, todas as perguntas carregam pelo menos duas informações que se tornam regra;

Por exemplo: De que forma é importante para a **FILIPA** participar na **CELEBRAÇÃO**? (Neste caso as perguntas carregam sempre um **NOME** e o tema ou a palavra **CELEBRAÇÃO** ou outra do mesmo campo semântico, por ex.: celebrar, célebre, etc.);
 – O nome próprio é obrigatoriamente o nome de alguém que joga o jogo;
 – A formulação poderá incluir mais que um nome próprio;
 – As perguntas são feitas a partir do centro e enviadas para o centro e não diretamente aos envolvidos ou nomeados;

– O jogo deverá ter a duração de 60 minutos.
 – O facto de as perguntas serem feitas a um microfone no centro, dá à situação uma certa performatividade (há o levantar-se, deslocar-se ao centro, formular a pergunta para o círculo e voltar e sentar-se).
 – É pedido às pessoas para registarem as perguntas (esteja ou não o seu nome incluído nas mesmas) que lhe parecerem importantes. As perguntas que forem alvo de maior registo farão parte da *Auto Publicação* da **CELEBRAÇÃO**. *O Jogo das Perguntas* privilegia um tempo partilhado de reflexão, imaginação e escuta.

17h · Pequeno Auditório
Duração: 30 min · 2€

Uma Estadia de 30 min.

Conceção / interpretação Andresa Soares
Composição sonora Rui Lima e Sérgio Martins
Assistência Lígia Soares
Produção Máquina Agradável

Uma estadia em palco com a duração de 30 minutos em que se utiliza mecanismos dramaturgicos intencionalmente desestabilizadores que serviram à criação da peça *Problema Técnico*, estreada este ano em Guimarães – CEC 2012, para agora criar uma problemática em redor do tempo concedido – neste caso 30 minutos. Esta exata porção de tempo o público pode acompanhar através de um relógio digital em contagem decrescente.

Não há nada que seja simultaneamente tão unicamente nosso e tão trans-



cedente a qualquer controlo como o tempo – aquele que corre. A sua passagem será constante. Ao tempo previsto subtrai-se aquele que já passou e fica o que resta. Isto se o tempo fosse regular na sua passagem, objetivo, fiável. E é. Mas o tempo traz expectativa, presente, suspense, impaciência. Quando vivido, cai no esquecimento e toma a forma do compasso do coração, da velocidade da respiração, dá espaço a imagens e por isso para. É massa para composição e espaço para a sugestão.

Em *Uma Estadia de 30 min.* esse tempo representado, ora corre sucessiva e independentemente dos acontecimentos, ora fica sujeito a uma interpretação subjetiva – suspende-se, baralha-se acelera – remetendo para o subconsciente, para a imaginação, o sono, o vazio, a morte, o medo que advém do seu descontrolo ou a tranquilidade que pode emergir da sua suspensão. Ao afastar o tempo da sua função primordial, este ganha o valor simbólico que lhe atribuímos.

18h · Sala 2
Duração: 30 min · 2€

Arremesso IV de Sofia Dias & Vítor Roriz

Desde há algum tempo que temos sentido a necessidade de multiplicar as formas de concretização dos nossos projetos. Uma tentativa de prolongar o



© Silvano Magnone

período de vida do material para além da sua apresentação na *black box* onde ele encontra uma forma mais ou menos estável. Uma procura de natureza experimental que testa a independência do material em relação à sua origem, invade outros contextos e abre espaço para diferentes colaborações. Deste modo, depois de estrear *Um gesto que não passa de uma ameaça* em 2011, começámos a trabalhar sobre uma série de extensões desse espetáculo a qual demos o nome de *Arremesso*: *Arremesso I* – uma *performance* para espaços não convencionais; *Arremesso II* – um livro; e *Arremesso III* – uma experiência sonora.

Com *Arremesso IV* iremos ampliar as possibilidades de contaminação da *performance*, submetendo elementos de

diferentes trabalhos nossos a um mesmo dispositivo, percebendo de que forma se relacionam, adaptam e sobrevivem. Para esta *performance* contamos com a cumplidade de sempre da artista plástica Catarina Dias para uma intervenção no espaço de apresentação.

19h · Pequeno Auditório
Duração: 45 min · 2€

Pongo Land

Coreografia e performance Nuno Lucas & Hermann Heisig **Produção** Collective Consciousness **Coprodução** Théâtre de l'Usine **Fotografia** Theo Solnik **Apoio** Tanzwerkstatt Berlin, CENTA, Forum Dança, ACCCA **Obrigado a** Theo Solnik, Florent Delval, Beby Raza, André Theriault, Christabel Heisig, Johannes Heisig, Maria Lucas, João Lucas, Madeleine Fournier, Anne Zacho Sogaard



© Theo Solnik

Pongo Land é o encontro de dois corpos muito diferentes: os de Nuno Lucas e Hermann Heisig, autores e intérpretes deste trabalho.

Em palco exploram as diferenças, as semelhanças e as possíveis ou impossíveis relações entre os seus corpos, provocando um forte encontro entre o humor e a monstruosidade. Eles comparam-se, competem e copiam-se incessantemente, criando um estado de permanente modulação. *Pongo Land* confronta os limites da normalidade humana e a forma como reagimos ao que nos é estranho e diferente.

SEX 2, SÁB 3, DOM 4
DE NOVEMBRO
Sala 3 · Entrada livre

O Ato da primavera

Uma instalação performativa de Lúgia Soares **Colaboradores** Andresa Soares e Rita Barbosa **Produção** Máquina Agradável

Este projeto visa criar várias instalações cénicas com o intuito de levar os espectadores/visitantes a darem corpo a várias peças curtas. A sua concretização estará dependente de uma espécie de interface cénico, criado a partir de um conceito que permite a encenação direta, sem ensaios e sem prévio conhecimento ou contexto por parte do *performer*. Em cena – esse lugar de exposição humana, física, psicológica, emocional – o interface será ao mesmo tempo a referência e o abandono do espectador/ator que terá, a cada



Energetic Angles © Jozsef Robakowsky

momento, a oportunidade de o reinterpretar *à posteriori* mas a condição de o não poder prever *à priori*. Este é para mim um projeto consequente de uma necessidade de deslocar o espectador do seu papel habitual inspirando-me em formas de vanguarda artística que sobrelevaram a necessidade de levar as pessoas a refletirem sobre o seu posicionamento perante os outros (sociedade, história e cultura) e em relação à própria produção de uma obra como mereo interveniente num mercado artístico.

Esta primeira apresentação de *O Ato da primavera* irá integrar três peças curtas concebidas para grupos de visitantes / *performers* de número diferente: *Situação embaraçosa*, peça de 8 minutos para 8 pessoas; *Não me tirem o sol*, peça

de 5 minutos para 10 pessoas; *Ótimo, não há mais nada a esconder*, peça de 15 minutos para 5 pessoas.

Para assistir/participar em cada peça o público deve fazer a sua marcação na Bilheteira individualmente ou organizar (com a antecedência necessária) um grupo de amigos com o número indicado. Informações sobre os horários das peças também no site www.culturgest.pt.

20h · Átrio do Pequeno Auditório
Duração: 1h · Entrada livre

Conversa Balanço

Uma conversa informal criará o espaço para um olhar retrospectivo sobre o que aconteceu nos últimos dias para se poder em conjunto refletir o presente e o futuro.

Computador da Crítica e Auto Publicação – Encerramento

Durante a CELEBRAÇÃO teremos uma equipa de *Redação em Direto (Mais Crítica)*. Esta redação irá não só acompanhar, informar, refletir, escrever, registar, criticar todas as atividades como irá também acompanhar um serviço criado especialmente para valorizar a nobre atividade que é testemunhar um evento cultural: *O Computador da Crítica*.

Este serviço terá como base a disponibilização de computadores e o convite a que qualquer pessoa possa escrever sobre a sua experiência como espectador. A estruturação de um

espaço público dedicado à escrita crítica pretende ser uma provocação à voz do espectador e um incentivo ao gosto pela crítica, reforçando a sua importância para a valorização da atividade artística e expandindo-a para além dos meios profissionais a que está normalmente cingida. No final dos quatro dias teremos assim um conjunto de material escrito pelo público, artistas, participantes e críticos, colecionado e processado para culminar no lançamento da *Auto Publicação*. Esta publicação criará a narrativa da CELEBRAÇÃO na perspetiva de quem fez e de quem assistiu.

O evento de lançamento da *Auto Publicação* (encerramento) será simultaneamente a sua impressão seguindo uma lógica de Impressão sob Demanda. Esta será também um ato performativo que depende diretamente do envolvimento e interesse manifesto pelo leitor – uma edição que coloca a procura em perfeita harmonia com a oferta.



Alexandre Coelho

Nasceu em Lisboa, em 1965. Vacionado para o tratamento da imagem do espetáculo nas artes performativas, é sobre uma das suas componentes, a iluminação, que desde 1989 desenvolve a sua atividade essencial como *designer*, operador e docente. Participa, igualmente, em diversas produções de espetáculos de música, teatro, multimédia, instalações e outros eventos. Foi Diretor Técnico da área de espetáculos da Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura e no âmbito do Pavilhão de Portugal, na Expo Saragoça 2008. Desempenha esta função para o Festival Temps d'Images desde 2004.

Ana Dinger

Doutoranda em Estudos de Cultura pela Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica e investigadora integrada no CECC (Centro de Estudos de Comunicação e Cultura). Licenciada em Artes Plásticas/ Escultura pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa e com Pós-Graduação em Arte Contemporânea (FCSH – UCP), frequentou a Escola Superior de Dança (2003/2004) e o Curso de Pesquisa e Criação Coreográfica do ForumDança (edição de 2003 no Porto). A investigação que desenvolve reflete um percurso que oscila entre a teoria e a prática e as artes visuais e performativas, centrando-se na problematização de estratégias de perpetuação de trabalhos artísticos de cariz performativo.

Andresa Soares

Nasceu em Lisboa, em 1978. Desde 1996 que a sua formação se dividiu entre as Artes Plásticas e as Artes do Espetáculo. Inicia em 98 a sua formação em Dança no CEM estendendo-se também a vários cursos e *workshops* dos quais destaca o Curso de Pesquisa e Criação Coreográfica do Fórum Dança. Frequentou o curso de Artes Plásticas na FBAUL e o curso de Realização na Restart. Desde 2000 que trabalha como intérprete e criadora em vários projetos de dança e teatro tendo colaborado com Lígia Soares, Alexander Gerner, Sofia Fitas, José Laginha, Luís Castro, Nuno M. Cardoso, Rúben Soares, Ricardo Aibéo, Michel Simonot, Sílvia Pinto Coelho e Ricardo Jacinto, entre outros. Das suas criações destaca *Iscas de Peixe Piça – um tratado sobre o erotismo, Era Uma Coisa Mesmo Muito Abstracta e Problema Técnico*. Participou também como atriz em filmes e curtas-metragens. É cofundadora da Máquina Agradável – Associação Cultural.

António Júlio

Nasceu em Gaia, em 1977. Estudou Escultura na Faculdade de Belas Artes do Porto e Teatro na Academia Contemporânea do Espetáculo. Iniciou o seu trabalho como intérprete em 1999 e, desde então, tem participado em projetos de teatro, dança e *performance*, tendo trabalhado com Joana Providência, Nuno Cardoso, Gonçalves Amorim, João Paulo Costa, na Companhia Circulando, Kuniaki

Ida, Deborah Hay, Loreto Martinez Troncoso, Rita Natálio e André Guedes, entre outros. Desenvolve o seu trabalho como criador e encenador desde 2005, tendo-se apresentado em Portugal, Espanha, França e Bélgica. O seu trabalho situa-se entre o teatro, a dança e a *performance*. Das suas encenações/criações mais recentes destaca *Felizmente há luar!* de Luís de Sttau Monteiro para o TEP (Gaia, 2012), *Marat/Sade*, de Peter Weiss, para Numa Norma (Porto 2011), *Clepsidra* para Aproximate/Comédias do Mímo (Paredes de Coura, 2010), *Alan* (Porto, 2010) e *Recuperados* para o TUP (Porto, 2009) *Boots and Breath* para a Companhia Instável (Espace des Arts, Chalon sur Saône, 2008), *Eunice* (Teatro do Campo Alegre, Porto, 2007) e *200gr* (Mugatxoan/Arteleku, San Sebastian/Fundação Serralves, Porto, 2006). Atualmente, é diretor do curso de Interpretação na ACE – Escola de Artes e, desde 2008, é professor da disciplina de Interpretação na mesma escola.

<http://antoniojulio.weebly.com>

António Pedro Lopes

Nasceu em Ponta Delgada, em 1981. É *performer* e autor de espetáculos, mas também orienta *workshops*, canta, produz, escreve e faz curadoria de eventos. Em 2010, criou em Lisboa a ONE LIFE STAND. Trabalhou, entre outros, com Jérôme Bel, João Fiadeiro e Marco Berrettini/*MELK PROD. De 2007 a 2012, participou intensamente da criação e desenvolvimento de Sweet & Tender Collaborations

(www.sweetandtender.org), tendo codirigido o projeto SKITE/S&T Porto 2008 no Teatro Nacional São João. Criou vários espetáculos em colaboração com outros artistas: *I WANT MORE FANS, YOU WANT MORE STAGE* (Festival da Fábrica, 2008) com Gui Garrido; *TOUT COURT* (Freiburg Stadtheater, 2008) com Tommy Noonan; *Luzes Ligadas Não Quer Dizer Que Estejamos em Casa* (Festival Escrita na Paisagem, 2010) com Monica Gillette; *Measure It in Inches* (Festival Artdanthé, 2011) com Marianne Baillot. *Drifting/Em Deriva* é um projeto contextual criado em colaboração com Gustavo Ciriaco, apresentado no Rio de Janeiro, Taipei, São Paulo, Lisboa e Porto. Em 2012, inicia o projeto “12 meses” com *Julho, Uma Entrevista com o Ursinho* para reencontrar um sentido pessoal de prática artística testando a manipulação de vários média e a criação de objetos performativos de pequeno formato. Em 2013, António rumo ao Rio de Janeiro para integrar *Sala de Maravilhas*, novo projeto de Gustavo Ciriaco. <http://theantsandtherats.blogspot.com>

Åsa Frakenberg

Artista e desenhador de luzes. Tem uma longa experiência em teatro nos principais palcos europeus, Royal Theatre Copenhagen, Volksbühn Berlin, Dramaten Stockholm e Burgtheater Vienna, entre outros, com diretores como Frank Carstorf (2009), Meg Stuart (2006/2007), e Stefan Bachmann (2005). Åsa criou a luz para os filmes *Dogville* (2003) e *Manderlay* (2005) de

Lars Von Trier. Tem trabalhado desde 1996 em instalações de luz, esculturas de luz e *performance art*, incluindo as exposições *X-Wohnungen* em Berlim e Caracas, organizadas por Hebbel um Ufer Berlim. Trabalha também em espaços urbanos com arte pública e projetos de desenvolvimento urbano, incluindo uma instalação de luzes de 200m para a fachada do Centro de Design de Copenhaga (2006); e o conceito de luz do parque público de Holstebro, Dinamarca (2009). Ao longo dos anos, Åsa viveu e trabalhou essencialmente em Copenhaga e Berlim e agora mudou-se para Londres. O seu trabalho usa a luz para dar forma e editar percepções, contar histórias e influenciar a experiência das pessoas.

Carlos Quintelas

Frequentou o Curso de Ciências Musicais na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e também o Curso de Piano da Escola de Música do Conservatório Nacional, onde teve oportunidade de trabalhar com os professores José Bon de Sousa, Teresita Gutierrez Marques e Fernando Eldoro. A partir de 1992 tornou-se membro do Coro de Câmara de Lisboa, sob direção de Teresita Gutierrez Marques, no qual, durante dez anos, desenvolveu uma intensa e variada atividade, nomeadamente concertos, digressões e gravações. Foi membro do quinteto Lusitana Vox, atuando em inúmeros espetáculos dentro e fora do país. Este quinteto, especializado em música renascentista, recebeu uma menção honrosa na classe

de música de câmara do Concurso da Juventude Musical Portuguesa. Colaborou como elemento de reforço com o Coro Calouste Gulbenkian, trabalhando com conceituados maestros. De 1998 até 2010 deu aulas de piano no Colégio Moderno. Entre 2001 e 2011 dirigiu o Coral Canto Novo. Leciona há dois anos iniciação musical na Quinta do Loureiro.

Carlos Ramos

Tem o Curso de Luminotécnico, IFICT (1991) e o Curso de Cinema, área de Produção, ESTC (1995). Como desenhador de luzes destaca o seu trabalho com Clara Andermatt, Francisco Camacho, Real Pelágio, Vitor Rua, Miguel Pereira, Aldara Bizarro, Filipa Francisco, Rui Chafes, Raiz di Polon e Duarte Barrilero Ruas. Fez parte da direção técnica dos Festivais Mergulho no Futuro/EXPO 98, PoNTI 2001/TNSJ e Artemrede. É o Diretor Técnico do Festival Danças na Cidade/alkantara desde 2002 e do Festival Citemor desde 2008. Professor da Escola Superior de Dança da Unidade Curricular de Produção desde 2007. Paralelamente trabalha esporadicamente em produção de cinema, com a produtora O Som e a Fúria, onde realizou a sua primeira curta-metragem, *Um Circulo Perfeito*, em 2003.

Catarina Dias

Nasceu em 1979, em Londres. Frequentou a Escola António Arroio e o Ar.co. Em 2002/03 voltou para Londres onde completou o Mestrado na Byam

Shaw School of Art. Atualmente é representada pela Vera Cortês agência de Arte, em Lisboa.

Cláudio da Silva

Nasceu no Huambo, Angola. Concluiu a licenciatura em Línguas Estrangeiras Aplicadas e o bacharelato em Estudos Teatrais. Entre outros, trabalhou com Artistas Unidos, Teatro Praga, Miguel Loureiro, Teatro da Garagem, Emmanuel Demarcy-Mota, Inês de Medeiros, Manuel Wiborg, Solveig Nordlund, Jorge Cramez, Jeanne Waltz, João Botelho, João Fiadeiro, Madalena Vitorino, Miguel Pereira, Ana Borralho e João Galante, John Romão, Gonçalo Amorim e Sandra Faleiro. Encenou *Felizmente Há Luar!* para o Teatro Experimental do Porto, coencenou para os Artistas Unidos *O Meu Blackie* de Arne Sierens e, com Manuel Wiborg, *Debaixo da Cidade* de Gonçalo M. Tavares. Participou na criação de *Teatro Fantasma*, com Carla Bolito, *O³ com O³* e *Esquina das Coisas* com Joana Craveiro.

Elizabete Francisca

Começou a sua formação em artes visuais e licenciou-se em Design Industrial na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha. Estudou Dança no Fórum Dança (PEPCC) e na Escola Superior de Dança de Lisboa. Trabalhou como intérprete e/ou colaboradora artística com Ana Borralho & João Galante, Vera Mantero, Rita Natálio, Loïc Touzé, Mariana T. Barros e Tânia

Carvalho, entre outros. Como criadora destaca o trabalho em colaboração com Teresa Silva em *Leva a mão que eu levo o braço* e *Um Espanto não se Espera*, e o solo *Porque quando se torna um nó já deixou de ser um laço*. Desde 2011 é artista associada da estrutura Materiais Diversos.

Guilherme Garrido

Nasceu em Portugal, em 1983. Interessa-se pela *performance* e na sua capacidade de traduzir a sua história pessoal em objeto de palco. O seu trabalho artístico contém sempre um humor subversivo e uma espécie de poesia bruta. A fragilidade e intimidade do ser humano e dos seus relacionamentos e sentimentos é o ponto de partida da maioria dos seus trabalhos, mas também se interessa em como o corpo e o movimento possam ser livres interpretações de figuras heroicas, atores em *over acting and over reacting* ou concertos de rock. Como coreógrafo criou os seguintes duetos: *I WANT MORE FANS YOU WANT MORE* STAGE com António Pedro Lopes (2008), *a couple dance* com Mía Habib (2009), *Still Difficult Duet* (2007) e *Still Standing You* (2010) com Pieter Ampe. Criou o seu primeiro solo *GO JOHN* em 2011 e estreou *BEST BEAST* em janeiro de 2012, a sua primeira peça de grupo como coreógrafo. Estreou também, em maio de 2012, a peça *A COMING COMMUNITY*, uma colaboração com Hermann Heisig, Nuno Lucas e Pieter Ampe. Com António Pedro Lopes e Anja Mueller, tem uma banda chamada The

Sing Songs e com Pieter Ampe tem uma banda chamada The Campo Boys.

Hermann Heisig

Nasceu na Alemanha, em 1981. É licenciado em dança contemporânea pela *Die Etage – School for Performing Arts* em Berlim. Criou solos de dança improvisados em clubes e galerias com artistas provenientes da música e das artes visuais. Participou na formação coreográfica ex.e.r.ce 2007 dirigida por Mathilde Monnier e Xavier le Roy, no CNN Montpellier. Trabalhou entre outros, como bailarino, para Meg Stuart, Frank Castorf, Martin Nachbar, Martine Pisani, Corinna Harfouch, Begum Erciyas, Thomas Lehmen. Criou o solo *in this beautif. Countryside* (2008). Em colaboração com Nuno Lucas criou *Pongo Land* (2008); com Elpida Orfanidou *United States* (2011); com Pieter Ampe, Guilherme Garrido e Nuno Lucas *a coming community* (2012).

João Calixto

Nasceu em Lisboa, em 1978. Frequenta o Mestrado em Teatro na Escola Superior de Teatro e Cinema. Curso de Desenho no AR.CO – Centro de Arte e Comunicação em 1999. Desenvolve o projeto *Mecânica* (2012), em colaboração com Márcia Lança. Dirige as criações *A Debandada* (2011) e *As Pequenas Cerimónias* (2007). Desenvolve trabalho como cenógrafo com diversos projetos nacionais. Destaca a colaboração com os criadores Clara Andermatt, Maria João Luís, Caroline Bergeron e Pedro

Santiago Cal. Membro fundador da Circolando, na qual é responsável pela direção plástica e intérprete, entre 1999 e 2005. Leciona, desde 2006, cenografia e artes de cena na EPAOE, ESTAL, ESTC, Centro Pedagogia e Animação CCB, entre outros.

Joana da Silva

Nasceu em 1988. Aos 7 anos inicia-se na dança passando pelo jazz, hip hop e contemporâneo. Em 2009 torna-se membro da companhia semiprofissional All About Dance trabalhando com Vitor Fontes e Marco Ferreira. Em 2010 ingressa na Escola Superior de Dança onde continua os seus estudos tendo formação com Margarida Bettencourt, Barbara Griggí, Madalena Xavier e Francisco Pedro, entre outros.

Liliana Coutinho

É curadora independente e investigadora na área de Estética e Ciências da Arte. Colabora atualmente com And_Lab e com C.A.M.-FCG. É autora de *Ana Vieira – o que existe nos interstícios da figura?* (ed. Caminho, 2007) e coordenou o 3.º número da revista *Marte*, dedicado à *Performance*. Escreveu para exposições, catálogos, publicou em revistas como *L+Arte*, *Sinais de Cena* e *Pangloss* e livros, dos quais destaca a participação em António Welington de Oliveira Jr. (org.). *A performance ensaiada: ensaios sobre performance contemporânea* (Fortaleza: Expressão Gráfica, LICCA, 2012) e Jos de Mul & Renée van de Vall (eds.), *Gimme Shelter:*

Global Discourses In Aesthetics. IAA Yearbook 2011 (Amsterdam: Amsterdam University Press, 2012, forthcoming). Doutorada em Estética e Ciências de Arte pela Université de Paris 1 – Panthéon-Sorbonne, prepara atualmente a publicação da sua tese pela editora L’Harmattan. Membro da A.I.C.A. – Associação Internacional de Críticos de Arte e da I.A.E. – International Association of Aesthetics.

Lígia Soares

Dedica-se às artes performativas desde 1997, data do início da sua colaboração com a Companhia de Teatro Sensurround. Tendo formação em dança e teatro tem-se dedicado, desde 1999, à criação de peças de dança e teatro, coreografando e escrevendo ao mesmo tempo que produz. Entre outras colaborações destaca o seu trabalho com Andresa Soares, João Lucas, Nuno Lucas, Madalena Silva, Sílvia Pinto Coelho, Dragana Bulut e Gillie Kleiman. O seu trabalho já foi apresentado em várias cidades europeias mas ela continua a acreditar no desenvolvimento de um trabalho local e na cidade de Lisboa como merecível. Foi artista residente da Tanzfabrik-Berlin de 2004/2005. Em 2008 foi bolseira do programa DanceWeb. É cofundadora da Máquina Agradável associação pela qual produz os seus trabalhos.

Márcia Lança

Nasceu em Beja, em 1982. É licenciada em Antropologia pela FCSH-UNL. Em

junho de 2011 estreia na Culturgest em cocriação com Nuno Lucas *Trompe le Monde* e em novembro do mesmo ano estreia *O Desejo Ignorante* no Teatro Maria Matos. Em 2009 cria *MORNING SUN* com João Calixto. Em 2006 é premiada pelo Jovens Artistas Jovens com o solo *dos joelhos para baixo*. O seu trabalho tem tido digressões em Itália, Portugal, Tunísia e França. Destaca o trabalho de intérprete e colaboradora com João Fiadeiro, Cláudia Dias e Olga Mesa. Da formação em dança destaca ex.e.r.ce 05 no CCN de Montpellier, o Curso de Dança Contemporânea e Pesquisa de Movimento na SNDO de Amesterdão (2003), o Curso de Pesquisa e Criação Coreográfica no Fórum-Dança (2002). Desenvolveu composição vocal com Francisco D’Orey, Catherine Rey e Meredith Monk. É diretora artística da VAGAR desde 2008. Atualmente desenvolve *Mecânica* com João Calixto.

Maria João Garcia

Nasceu em Oeiras, em 1974. Desde cedo dividiu a sua atividade entre a criação e a interpretação na área da dança e a produção na área cultural. Foi bailarina da Companhia de Dança de Almada (1990-98) e mais tarde *freelancer*. Fez o II Curso de Intérpretes de Dança Contemporânea do Fórum Dança (1998-2000) e participou em diversos *workshops* e seminários. Desde 1995, vem criando vários espetáculos (dança/teatro/*performance*) de sua autoria.

Na área da produção cultural: produção do ciclo de concertos e *workshops* Nomad, da Associação Fábrica (2001-

-2004); organização da Mostra de Teatro de Almada (2003), para a Câmara Municipal de Almada; produção executiva da Associação CENTA, de Vila Velha de Ródão (2003); produção da REDE – Associação de Estruturas para a Dança Contemporânea (2003/4); produção na Companhia Clara Andermatt (2005-2009); direção de produção da Granular Associação desde 2009; produção executiva do espetáculo *Os bigodes da Res Pública* pelo Teatro O Bando (2010) e, desde o final de 2011, colabora na produção da associação cultural Máquina Agradável. É membro da Associação Cultural Ninho de Víboras, de Almada, desde 1999, na qual exerce funções artísticas, de direção, gestão e produção.

Marianne Baillot

Nasceu em 1980. Vive e trabalha entre o Porto e Paris. Praticou ginástica rítmica e desportiva de alta competição. Diplomou-se em Ciências Políticas na Science-Po Grenoble, em 2002. Partiu para a Áustria para estudar dança, primeiro na SEAD (Salzburgo) e depois no Conservatório Anton Bruckner (Linz). Em 2005, faz o curso ESSAIS do CNDC D' Angers. Colaborou em projetos de Dana Yahalomi, Rebecca Murgi, Pep Guarrigues, Danya Hammoud, Deborah Hay. Assina os seus primeiros projetos em 2006, em parceria com Jonathan Schatz: *Today, we will meet in paradise, Stand by me mad heaven, I live in a cake*. No seio de Sweet and Tender Collaborations iniciou o projeto *Aime, Aime, Aime* com Mia Habib e Min

Kyoung Lee. Em 2008, em colaboração com Anne Juren, Alix Eynaudi e Agata Maszkiewicz cria *Komposition*. Em 2008, é convidada pela Companhia Instável para criar *Stonewashed*, uma peça para 4 bailarinos. Em 2009, recebe uma encomenda da Fondation Royaumont, depois da sua participação no programa Transforme. Criou *Razzle Dazzle* (2009), *Measure It in Inches* (2011) em colaboração com António Pedro Lopes, e atualmente prepara *YEEPPEE!!!*, em colaboração com Charlotte Plasse. Ela trabalha no cruzamento da dança, do teatro, da *performance*, das intervenções pedagógicas, e das pesquisas intelectuais e práticas (Ciências Humanas, Hipnose, Paisagens, Feldenkrais).

Marta Brito

Licenciou-se em Filosofia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 2009. No ano letivo de 2008/2009 foi bolseira Erasmus na Université Paris 8 – Vincennes Saint-Dennis. Em 2011 completou a pós-graduação em Ciências da Comunicação – Cinema e Televisão. Trabalhou como assistente de Ricardo Aibéo (*O Encontro*, 2009), Lúcia Soares (*La Famiglia*, 2012) e Andresa Soares (*Problema Técnico*, 2012). Escreveu crítica de cinema para a edição portuguesa do jornal *Le Monde Diplomatique*.

Nuno Lucas

Nasceu em Portugal, em 1980. É licenciado em Economia pela Universidade

Nova de Lisboa. Estudou no Fórum Dança e foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian durante a formação ex.e.r.ce no CCN Montpellier. Trabalhou com inúmeros artistas, destacando a sua experiência como intérprete com Miguel Pereira e o seu encontro com Meg Stuart. Criou a solo *What can be shown cannot be Said e Self-portrait as a dancer* (2007). Em colaboração com Hermann Heisig criou *Pongo Land* (2008); com Márcia Lança *Trompe le Monde* (2011); com Pieter Ampe, Guilherme Garrido e Hermann Heisig *a coming community* (2012) apresentando o seu trabalho por toda a Europa. Foi coordenador e professor na licenciatura de Artes Performativas na ESTAL, Lisboa (2011).

Pieter Ampe

Nasceu em 1982. Estudou na Salzburg Experimental Academy of Dance, na Arnhem Dance Academy, e de 2004 a 2008 completou ambos os ciclos de formação da P.A.R.T.S., em Bruxelas. Durante a sua formação criou o solo *On Stage* (2006) e *Still Difficult Duet* (2007) com Gui Garrido. Com Simon Mayer apresentou o dueto *O feather of lead* (2008). Trabalhou com Anne Teresa De Keersmaeker & Rosas em *The Song* (2008). Desde 2009 é artista em residência de CAMPO, Ghent. Aqui criou com Gui Garrido o dueto *Still Standing You* (2010); com o irmão Jakob Ampe criou *Jake & Pete's big reconciliation attempt for the disputes from the past* (2011), sob a mentoria de Alain Platel; e com Gui Garrido,

Nuno Lucas e Hermann Heisig criou *A Coming Community* (2012). Em 2006, juntamente com 64 bailarinos e coreógrafos, Pieter participou no programa danceWEB, Festival ImpulsTanz, Viena. Daí emergiu a rede de artistas Sweet & Tender Collaborations para a qual Pieter ainda contribui. Colaborou ainda com Mía Lawrence, Jan Decorte, Charlotte Vanden Eynde, Frans Poelstra & Robert Steijn, Roland Seidel, Anna Juren e com o quarteto noise rock, The Germans.

Rita Barbosa

Nasceu no Porto, em 1979. É licenciada em Artes Digitais, no curso de Som e Imagem, pela Escola de Artes da Universidade Católica do Porto, em 2002. Fez estágio profissional na Revdesign, Lda, com trabalho publicado no Festival Curtas Vila do Conde (2002). Completou a sua formação com cursos e *workshops* dos quais se destaca o Workshop de Direção de Fotografia no Maine Media Workshops (2008). É representada como realizadora na produtora Take it Easy desde 2005 e tem vindo a participar em vários projetos de Teatro, Cinema, Animação e Música. Como realizadora de publicidade trabalhou com várias marcas, entre elas: PT, CGD, Terra Nostra, TMN, Lidl, ANF, Staples, Planta, Unitel, RTP, etc. Colaborou na peça de teatro *3 Dedos abaixo do joelho*, de Tiago Rodrigues, com um painel cenográfico (2012). Realizou o vídeo *Skate no Palácio*, integrado na exposição *Skatomize* (2011). Colaborou no filme *Bobô*, de Inês Oliveira (2011), *Noite Sangrenta* (2010) e

Entre os dedos (2008) de Tiago Guedes e Frederico Cerejeiro. Corealizou a curta-metragem *Homenzinho* com Tiago Guedes e Jorge C. Coelho (2007). Participou na exposição *J'en Réve*, na Fundação Cartier-Paris (2005) com o vídeo *Get Bent* e nos Festivais: Impakt, Courtisane, Imago e Vídeo-Lisboa, entre outros. Participou na montagem de exposições criadas para o Museu de Serralves, Porto, entre elas: *Playback*, de Robert Whitman (2004) e *Circa 68* (2001). Desde 2001 que faz registo e montagem de vídeo de peças de dança, artes cénicas, teatro e concertos, incluindo a *performance* de Nadia Lauro para o Museu de Serralves.

Rita Natálio

Nasceu em Lisboa, em 1983. Estudou História na Universidade Nova de Lisboa e Artes do Espetáculo Coreográfico na Universidade de Paris VIII. Como intérprete, realizou o Curso de Pesquisa Coreográfica do Fórum Dança 2006 e participou em vários *workshops* de composição e improvisação. A sua atividade principal tem-se centrado na área da dramaturgia e escrita de ficção. Colaborou, com Vera Mantero, João Fiadeiro, Cláudia Dias, Guilherme Garrido, Pieter Ampe, António Pedro Lopes, Marianne Baillot e João Lima, entre outros. Desde 2008, começou igualmente a desenvolver o seu trabalho de criação em torno de processos documentais e identidade. Dirigiu o projeto de improvisação *Nada do que dissemos até agora teve a ver comigo*, a peça de grupo *Não se vê que*

sou eu mas é um retrato e Não entendo e tenho medo de entender, o mundo assusta-me com os seus planetas e baratas, um solo para Elisabete Francisca. Encontra-se atualmente a viver em São Paulo e a realizar uma pós-graduação no Núcleo de Subjetividade da PUC-SP com orientação de Peter Pal Pébart. Está a desenvolver um projeto de pesquisa chamado *Museu Encantador*, do qual fazem parte a criação de uma nova peça *Uma peça ultra-muda-marina* e escrita de um romance *Correspondências do Além Mar*.

Rita Xavier Monteiro

Mestre em Estudos Artísticos pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto (2011) e licenciada em Filosofia (FLUP). É professora assistente convidada de Estética na ESSE, IPP. Faz parte dos seguintes grupos de investigação: Estética Política e Artes (IF/UP); Sintoma, *performance*, investigação, experimentação (FBAUP); Educação Estética e Formação de Públicos para a Arte Contemporânea (InEd/IPP), Práticas Profissionais em Contextos Culturais (InEd/IPP). Participou na produção e crítica de festivais de artes performativas.

Rui Dâmaso

Baixista e guitarrista de OS LOOSERS. Baixista dos Gala Drop. Autor de várias sonoplastias de entre as quais se destacam: *Proust em Busca de...*, encenação de Aldona Skiba-Lickel; *Os Anjos de Bernardo*, encenação de

Marina Albuquerque; *Boneca*, encenação de Nuno Cardoso. Participou como desenhador e operador de som na Maratona Internacional de Dança Improvisada *Crash Landing*, sob direção de Meg Stuart; *Improvisation Portugaise* no Montepellier Danse 2000 com Vera Mantero, Mark Tompkins, João Fiadeiro; *Poesia e Selvajaria*, de Vera Mantero; Festival Danças na Cidade 1999, com Steve Paxton, Vera Mantero, Mónica Lapa.

Rui Lima

Nasceu no Porto, em 1981. É licenciado em Design de Luz e Som pela ESMAE onde atualmente leciona. Paralelamente tem participado como compositor musical juntamente com Sérgio Martins, em espetáculos de artes performativas e vídeo-dança em encenações de Joana Providência, Paulo Calatré, Inês Vicente, Alfredo Martins, João Garcia Miguel, Ana Luena, Jorge Andrade, Victor Hugo Pontes entre outros, tendo apresentado espetáculos em Portugal, Espanha, França, Alemanha, Israel, Brasil e Rússia. No cinema realizou as bandas sonoras para o filme de longa-metragem *Veneno Cura* (2007) de Raquel Freire, e as curtas-metragens, *Ausstieg* e *O amor é a solução para a falta de argumento* de Jorge Quintela. Encontra-se atualmente a preparar um disco com o projeto *Couple* a ser editado em 2012.

Rui Pina Coelho

É docente na Escola Superior de Teatro e Cinema. Mestre em Estudos

de Teatro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, é investigador do Centro de Estudos de Teatro dessa Faculdade; e do CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação. Publicou *Casa da Comédia (1946-1975): Um palco para uma ideia de teatro* (Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2009, 325 pp.) e *Inesgotável Koltès* (ESTC/Teatro dos Aloés, 2009, 48 pp.). É membro do Conselho Redatorial da revista *Sinais de Cena* (APCT/CET) e membro do Conselho Consultivo da revista on-line *operceveonline* (<http://www.seer.unirio.br/index.php/operceveonline>, Rio de Janeiro, Brasil). É membro da Direção da APCT – Associação Portuguesa de Críticos de Teatro e foi crítico de teatro no jornal *Público*. Realiza dissertação de Doutoramento em Estudos Artísticos na Faculdade de Letras de Lisboa. Como dramaturgo, tradutor ou dramaturgista colaborou com Trimagisto, Teatro O bando, TEUC, Teatro dos Aloés e TEP – Teatro Experimental do Porto.

Sérgio Martins

Nasceu no Porto em 1982. Completou o Conservatório de Música do Porto em Guitarra e encontra-se atualmente a estudar Música Eletrónica e Produção Musical na Escola Superior de Artes Aplicadas em Castelo Branco onde já estudou com Carlos Guedes, Mário Barreiros, Rui Dias e Gustavo Costa. Paralelamente tem participado como compositor musical, juntamente com Rui Lima, em espetáculos de artes performativas e vídeo-dança em ence-

nações de Joana Providência, Paulo Calatré, Inês Vicente, Alfredo Martins, João Garcia Miguel, Ana Luena (Teatro Bruto), Jorge Andrade (Mala Voadora), Rita Lello, Victor Hugo Pontes, Miira Sipola entre outros, tendo apresentado espetáculos em Portugal, Espanha, França e Rússia. No cinema realizou a banda sonora para o filme de longa-metragem *Veneno Cura* (2007) de Raquel Freire e as curtas metragens *Ausstieg* e *O amor é a solução para a falta de argumento* de Jorge Quintela. Encontram-se atualmente a preparar um disco com o projeto *Couple* a ser editado em 2012.

Sofia Dias e Vítor Roriz

São bailarinos e coreógrafos independentes a colaborar desde 2006 na pesquisa e conceção de vários trabalhos de dança, apresentados em Portugal, Espanha, França, Alemanha, Suíça, Roménia, Bélgica, Inglaterra e Holanda. Têm lecionado vários *workshops* (no c.e.m., Fórum Dança, Companhia Instável e Módulos Nómadas/Alkantara) e a disciplina *Oficina de Corpo* ao Curso de Teatro da ESAD – Caldas da Rainha. São artistas associados da Materiais Diversos e d'O Espaço do Tempo. Trabalhos apresentados: *25, Visegradska* (2006); *Under(the) line* (2006); *Sand Castle* (2007), *Involuntariamente* (2007), *Again from the beginning* (2009), *Unfolding* (2009), *O mesmo mas ligeiramente diferente* (2010), *Um gesto que não passa de uma ameaça* (2011) e *Fora de qualquer presente* (2012).

Teresa Silva

Frequentou a Escola de Dança do Conservatório Nacional, a Escola Superior de Dança (licenciatura em Dança) e o Programa de Estudo, Pesquisa e Criação Coreográfica, do Fórum Dança. Como intérprete, trabalhou com Tânia Carvalho, Ana Borrvalho & João Galante, Sofia Dias & Vítor Roriz, entre outros. Desde 2008, desenvolve o seu próprio trabalho, destacando-se o solo *Ocooo*; *A vida enorme/La vie en or* cocriado com Maria Lemos; *Leva a mão que eu levo o braço* e *Um Espanto não se Espera*, criados em colaboração com Elizabete Francisca; e a adaptação do solo *Conquest* de Deborah Hay, promovido pela Fundação de Serralves. Desde 2011 é artista associada da estrutura Materiais Diversos.

Vânia Rovisco

Frequentou o Curso para Intérpretes de Dança Contemporânea do Fórum Dança e o Centre Nacional Choreographique de la Dance de Montpellier (Ex.e.r.ce). De 2001 a 2007 foi intérprete na companhia de Meg Stuart/Damaged Goods. Trabalhou com artistas como Gordon Monhan, Jochen Arbeit, Julian Rosefeldt, Hans Demeulenare, Pierre Coulibeuf, entre outros. Em Portugal, tem vindo a assumir a direção de movimento em projetos encenados por João Brites, Gonçalo Amorim, António Simão. Residiu em Berlim entre 2005 - 2012, onde desenvolveu uma vertente do seu trabalho colocando o corpo em galerias de arte. É membro fundador

da plataforma Aktuelle Architektur der Kultur, AADK, com atividade em Portugal, Espanha e Alemanha. Leciona frequentemente workshops sobre a improvisação na composição.



Culturgest, Espaço CarbonoZero

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de ações, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto de medidas adicionais, estando prevista

uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas ações não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projeto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos Voluntary Carbon Standard (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em:
[www.cgd.pt/Institucional/
Caixa-Carbono-Zero](http://www.cgd.pt/Institucional/Caixa-Carbono-Zero)



Jim Black Trio

Jazz Sex 2 novembro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M3

© Paul LaRaia

© Paul LaRaia



Bateria Jim Black **Contra baixo** Christopher Tordini **Piano** Elias Stemeseder

Jim Black (n. 1967, Seattle, Washington) está na linha da frente da geração de músicos que trouxeram o jazz para o século XXI. É, sem dúvida, um dos mais influentes bateristas do nosso tempo.

O público português aficionado do jazz conhece-o bem pela sua participação, com o guitarrista Frank Mobüs, no trio Azul, liderado por Carlos Bica.

Black lidera os seus próprios grupos, faz parte do coletivo Pachora e colabora como *sideman* com grandes músicos como Tim Berne, Ellery Eskelin, Dave Douglas, Uri Cane, Dave Liebman, entre muitos outros.

Recentemente criou um novo trio com dois jovens músicos, o pianista austríaco Elias Stemeseder e o contrabaixista americano Thomas Morgan. Juntos gravaram o álbum *Somatic* para a reputada editora Winter & Winter.

Com este trio, diz, “tento ir na direção oposta ao AlasNoAxis [banda que lidera

há vários anos]. Enquanto que com Alas a música que fazemos é tributária da energia, dos ritmos e das texturas do rock, a música que escrevi para este trio revela diferentes maneiras de abordar os ritmos do *swing* e, obviamente, da improvisação acústica e da estrutura das canções. Mais influenciada pelo jazz e pelos desertos do Mali do que os Sonic Youth...”

O concerto desta noite é baseado nesse álbum, que teve um entusiástico acolhimento por parte da crítica. Merecido: é um magnífico disco, lírico e subversivo, surpreendente para quem conhece a obra anterior de Black.

Conselho de Administração

Presidente

Fernando Faria de Oliveira

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Luísa Fonseca

estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Rui Osório de Castro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo

